

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal: O País do Salário Quase Único

Publicado em 2026-06-10 18:05:00



BOX DE FACTOS

- Segundo o Banco de Portugal, em 2025 o salário mínimo representava 91% do salário mediano nos microdados da Segurança Social.
- Estes dados abrangem praticamente o universo dos trabalhadores por conta de outrem do sector privado.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- Segundo o Eurostat, Portugal registava em 2024 o valor mais elevado da área do euro neste indicador, com 69% na metodologia europeia comparável.
- Em 2026, a Retribuição Mínima Mensal Garantida foi fixada em 920 euros.

O País do Salário Quase Único

Quando o salário mínimo se aproxima perigosamente do salário mediano, não estamos perante uma vitória civilizacional plena. Estamos perante o retrato de uma economia comprimida, onde o fundo sobe, mas o edifício quase não cresce.

Portugal conseguiu produzir uma das suas mais estranhas obras económicas: transformar o salário mínimo numa espécie de centro gravitacional da vida salarial. Segundo o Banco de Portugal, em 2025, o salário mínimo nacional representava já 91% do salário mediano nos microdados da Segurança Social, que abrangem praticamente o universo dos trabalhadores por conta de outrem do sector privado.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

mínimo. Significa que o salário mínimo se aproximou brutalmente do salário que fica no centro da distribuição salarial. Ou seja: metade dos trabalhadores ganha abaixo da mediana e metade ganha acima. Quando o mínimo está tão perto desse ponto central, o que vemos é uma economia salarial esmagada, achatada, sem amplitude, sem escada, sem horizonte.

Em linguagem simples: o problema não é apenas o salário mínimo subir. O problema é quase tudo o resto ficar demasiado perto dele.

A falsa vitória da igualdade pela pobreza

Há uma forma saudável de reduzir desigualdades: fazer crescer os salários baixos, elevar qualificações, aumentar produtividade, criar empresas mais fortes, desenvolver indústria avançada, valorizar tecnologia, exportar bens e serviços sofisticados, pagar melhor porque se produz melhor.

E há uma forma decadente de reduzir desigualdades: comprimir todos para baixo, aproximando a maior parte da população activa de uma base salarial mínima. É a igualdade pela escassez. A justiça social de tecto baixo. Uma espécie de democratização da dificuldade, administrada com ar grave por gente que raramente vive com esses salários.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

cima. O resultado é uma compressão salarial que transforma qualificação, experiência, responsabilidade e mérito em diferenças remuneratórias cada vez mais estreitas.

Quando um trabalhador especializado, um técnico experiente, um jovem licenciado, um operador qualificado ou um profissional com anos de responsabilidade se vê apenas alguns degraus acima do mínimo, a mensagem social é devastadora: estudar pouco compensa, aprender pouco compensa, arriscar pouco compensa, esforçar-se pouco compensa. O país, com a sua habitual delicadeza de betoneira, diz aos competentes: obrigado pelo esforço, agora esperem na mesma fila.

O salário mínimo como referência nacional

O Banco de Portugal observa que os aumentos salariais se têm concentrado em torno da actualização da Retribuição Mínima Mensal Garantida. Isto significa que o salário mínimo não é apenas um piso legal. Tornou-se uma referência central da formação salarial em Portugal.

Esse fenómeno tem duas leituras. A primeira é socialmente compreensível: num país de salários baixos, aumentar o rendimento dos trabalhadores pior pagos é necessário. Ninguém deve trabalhar a tempo inteiro e viver

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A segunda leitura é mais incómoda: quando a economia depende demasiado da subida administrativa do salário mínimo para gerar aumentos salariais, então há qualquer coisa profundamente errada na estrutura produtiva. Os salários não sobem por força da produtividade, da inovação, da concorrência por talento ou da sofisticação económica. Sobem porque o Estado empurra o piso. O tecto, esse, continua baixo. E o elevador social, como tantas infra-estruturas nacionais, encontra-se em manutenção prolongada.

O salário mínimo deve proteger quem está na base. Não deve tornar-se o centro da galáxia salarial. Quando isso acontece, não estamos perante uma economia moderna. Estamos perante uma economia de baixa amplitude, onde demasiadas empresas vivem de margens apertadas, baixa capitalização, pouca tecnologia, gestão fraca, serviços pouco sofisticados e uma cultura empresarial habituada a competir pelo custo e não pelo valor.

A produtividade que falta ao discurso

O verdadeiro drama português chama-se produtividade. Não como palavra de conferência, não como ornamento de relatório europeu, não como aquele vocábulo que os responsáveis políticos dizem antes de regressarem ao

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Sem produtividade, os salários não sobem de forma sustentada. Podem ser empurrados por decreto, podem ser compensados por subsídios, podem ser disfarçados por promessas, mas não se tornam estruturalmente altos. A riqueza tem esta desagradável característica: precisa de ser criada antes de ser distribuída. Inconveniente, eu sei. Bastante rude da parte da realidade.

A economia portuguesa tem demasiadas empresas pequenas, pouco capitalizadas, pouco internacionalizadas e presas a sectores de baixo valor acrescentado. Tem também demasiada dependência de turismo, imobiliário, serviços indiferenciados, contratação pública e actividades protegidas da verdadeira concorrência. Depois espanta-se com salários baixos, como se tivesse plantado silvas e esperasse colher semicondutores.

Um país que quer pagar melhor tem de produzir melhor. Precisa de indústria avançada, software, biotecnologia, engenharia, energia, mar, espaço, defesa, inteligência artificial, electrónica, robótica, investigação aplicada e empresas capazes de crescer para fora do pequeno aquário nacional. Precisa de escalar valor, não apenas preencher formulários para captar fundos.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

entre quem começa, quem se qualifica, quem assume responsabilidade e quem entrega resultados se torna demasiado pequena, a sociedade envia um sinal perverso. O esforço deixa de ter tradução visível. A ambição é domesticada. O talento emigra. A competência desiste ou trabalha para fora.

Portugal já conhece bem este filme. Forma jovens, financia escolas e universidades, celebra a qualificação nos discursos oficiais e depois oferece ao talento uma escolha luminosa: aceitar salários comprimidos, emigrar ou trabalhar remotamente para economias que compreendem melhor o valor da competência. Uma estratégia nacional notável, se o objectivo for exportar futuro em prestações.

O país não precisa de castigar quem ganha pouco. Pelo contrário. Precisa de proteger salários baixos sem transformar toda a estrutura salarial numa planície. Uma sociedade justa não é aquela onde todos ficam perto do mínimo. É aquela onde ninguém fica abandonado no fundo e onde há caminhos reais para subir.

A diferença é decisiva. A primeira cria conformismo. A segunda cria mobilidade. A primeira administra pobreza. A segunda constrói desenvolvimento.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

instrumento de valorização dos rendimentos mais baixos. Isso tem mérito social. Mas há um limite para aquilo que uma política administrativa consegue fazer quando a estrutura económica continua frágil.

Se o Estado sobe o piso, mas mantém uma economia sufocada por burocracia, fiscalidade complexa, justiça lenta, licenciamento kafkiano, baixa concorrência, captura partidária, fundos mal orientados e educação desalinhada da economia produtiva, então apenas cria uma tensão crescente. As empresas menos produtivas ficam pressionadas. As empresas produtivas continuam sem ambiente favorável suficiente para crescer. Os trabalhadores ficam com aumentos limitados. E o país continua a discutir salários como se eles fossem independentes da criação de valor.

O Estado devia ser implacável em algumas coisas: justiça rápida, concorrência efectiva, combate a monopólios e cartéis, simplificação fiscal, educação exigente, qualificação técnica, apoio à inovação produtiva e fiscalização séria dos abusos laborais. Mas devia sair da frente onde atrapalha: licenciamentos absurdos, autorizações redundantes, procedimentos duplicados, certificações eternas e aquela floresta administrativa onde qualquer projecto entra jovem e sai reformado.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

estratégias, pode até organizar conferências com painéis sobre inovação. Mas salários altos exigem empresas produtivas, sectores sofisticados e instituições que deixem a criação respirar.

Empresas: entre a criação de valor e a sobrevivência medíocre

Também não vale a pena fingir que o problema está apenas no Estado. Muitas empresas portuguesas habituaram-se a viver numa economia de baixos salários, baixa ambição e baixa sofisticação. Competem pelo preço, não pela inovação. Cortam no salário antes de cortar no desperdício. Reclamam da produtividade dos trabalhadores, mas investem pouco em tecnologia, formação, gestão e escala.

Há empresários excelentes em Portugal. Há empresas modernas, exportadoras, tecnológicas, industriais, criativas e bem geridas. Mas há também uma cultura empresarial de sobrevivência, onde o lucro é procurado pela compressão de custos e não pela criação de valor. Essa cultura não constrói um país desenvolvido. Constrói uma economia de remendos.

O salário mínimo demasiado próximo do salário mediano é também um espelho dessa realidade. Mostra que a economia não criou degraus suficientes entre a base e o

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

E mostra, sobretudo, que Portugal continua preso a um modelo económico que permite sobreviver, mas não prosperar. Um modelo onde o turismo dá alguma anestesia, o imobiliário dá ilusões de riqueza, os fundos europeus dão combustível temporário e a baixa produtividade fica debaixo do tapete, como aquele problema doméstico que todos conhecem, mas ninguém quer levantar porque dá trabalho.

A emigração como indicador moral

Quando um país forma pessoas e depois não consegue pagá-lhes de acordo com o seu valor, a emigração deixa de ser apenas um fenómeno económico. Passa a ser um veredicto moral.

Cada jovem qualificado que sai porque não encontra remuneração digna é uma declaração silenciosa sobre o fracasso do país. Cada técnico experiente que aceita trabalhar para fora a partir de Portugal é um aviso. Cada investigador, engenheiro, programador, médico, enfermeiro ou trabalhador especializado que percebe que o seu esforço vale mais noutro mercado está a votar com os pés.

A compressão salarial não afecta apenas o bolso. Afecta a esperança. E quando uma sociedade deixa de oferecer

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

não deve depender apenas do heroísmo íntimo dos seus cidadãos para compensar a incompetência colectiva.

O que seria uma política séria de salários?

Uma política séria de salários não pode limitar-se a subir administrativamente o salário mínimo e esperar que o resto da economia se recomponha por milagre. Isso é política de rendimento com muletas, não estratégia de desenvolvimento.

Portugal precisa de uma política nacional de produtividade. Não como slogan, mas como programa transversal. Redução séria da burocracia. Justiça económica rápida. Incentivos à capitalização das empresas. Fomento da escala empresarial. Ligação efectiva entre universidades, politécnicos, centros de investigação e empresas. Apoio selectivo à indústria avançada. Formação profissional exigente. Fiscalidade que não trate crescimento como delito. Contratação pública que premie valor e não apenas preço. Fundos europeus orientados para criação real de riqueza, e não para alimentar a espécie sempre resiliente da consultora intermediária.

O salário mínimo deve continuar a proteger quem está em baixo. Mas o país tem de criar condições para que o salário

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Há uma diferença entre aliviar a pobreza e construir prosperidade. Portugal tem feito algum do primeiro. Continua a falhar demasiado no segundo.

Conclusão: não basta subir o chão

O dado dos 91% é mais do que uma estatística. É uma radiografia. Mostra um país onde o salário mínimo se aproximou demasiado do centro da distribuição salarial. Mostra uma economia com pouca diferenciação remuneratória. Mostra a dificuldade portuguesa em transformar trabalho, conhecimento e talento em riqueza partilhada.

Não basta subir o chão se o edifício não cresce. Não basta proteger a base se não há escadas. Não basta proclamar justiça social se o país continua sem produtividade suficiente para pagar melhor a quem trabalha, cria, arrisca e assume responsabilidade.

Portugal precisa de deixar de celebrar a compressão como se fosse progresso. Um país desenvolvido não é aquele onde quase todos ficam perto do mínimo. É aquele onde o mínimo é digno, o mediano é robusto, o médio é competitivo e o mérito encontra espaço para respirar.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

viver nesta estranha economia de tecto baixo: um país suficientemente europeu para ter estatísticas bonitas, mas suficientemente bloqueado para pagar salários que parecem saídos de uma repartição melancólica da esperança.

REFERÊNCIAS

- Banco de Portugal, [Boletim Económico — Junho de 2026](#).
- Eurostat, [Minimum wage statistics](#).
- Eurostat, [First 2026 data on minimum wages](#).
- DGERT, [Retribuição Mínima Mensal Garantida para 2026](#).

Fragmentos do Caos

Texto de **Francisco Gonçalves**

Com co-autoria editorial de **Augustus Veritas**.

Uma reflexão sobre salários, produtividade, mérito e a estranha capacidade portuguesa de transformar talento em sobrevivência estatisticamente organizada.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Esta mesmo a ficar sentado no apeadeiro da baixa produtividade, com a mala dos fundos europeus aos pés, a olhar para a linha como quem espera que o futuro recue por delicadeza.

Enquanto outros países transformam conhecimento em indústria, tecnologia em riqueza, ciência em empresas, qualificação em salários e ambição em soberania económica, Portugal continua preso a uma economia de tecto baixo, onde o salário mínimo se aproxima do centro da distribuição salarial e a mediocridade é apresentada como prudência.

O problema não é apenas económico. É civilizacional. Um país onde trabalhar, estudar, arriscar e criar não se traduzem em verdadeira mobilidade social está a dizer aos seus melhores cidadãos que a competência é tolerada, mas não propriamente recompensada. Depois admira-se com a emigração, como se o talento tivesse a obrigação patriótica de ficar parado dentro da gaiola.

Portugal precisa de deixar de administrar a escassez com ar solene e começar a criar riqueza com coragem. Menos cerimónia. Menos formulário. Menos dependência. Menos Estado a atrapalhar. Mais

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Porque um país que transforma o salário mínimo em destino colectivo não está a construir justiça social. Está apenas a organizar a pobreza com folha de cálculo, discurso oficial e uma bandeirinha europeia no canto.

- Francisco Gonçalves

Portugal não está apenas atrasado. Está demasiado habituado ao atraso.



GitHub Pages



CodeBerg Pages



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

•

[Ebooks](#)

•

[Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)